

Psicanálise e psiquiatria: um diálogo necessário é possível

Mario Eduardo Costa Pereira

Mario Eduardo Costa Pereira é psicanalista e psiquiatra, professor titular de Psicopatologia Clínica pela Aix-Marseille Université (França), professor livre-docente de Psicopatologia do Depto. de Psiquiatria da UNICAMP, onde dirige o Laboratório de Psicopatologia – Sujeito e Singularidade (LaPSuS-UNICAMP). Doutor em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise pela Université Paris 7, professor do Programa de Pós-graduação em Psicanálise da UERJ, editor da Seção de Epistemologia da Psicopatologia da *Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental*, secretário da Seção Psychoanalysis in Psychiatry da World Psychiatry Association (WPA), membro do Corpo Freudiano – Escola de Psicanálise – Núcleo São Paulo.

Resumo Apoiando-se na realização do 1st International Meeting of the WPA – Psychoanalysis in Psychiatry Section (WPA – PiP Section), na UNICAMP, em fevereiro de 2024, evento histórico que reuniu pela primeira vez, sob a égide da WPA, psiquiatras e psicanalistas para discutirem sobre novos fundamentos para as novas relações entre as duas disciplinas, este artigo propõe diversas teses para o avanço teórico, clínico e ético dessa interlocução.

Palavras-chave Psicanálise; Psiquiatria; Psicopatologia; WPA.

DOI: 10.70048/percurso.72.11-16

Introdução

O que parecia impossível aconteceu. Em um evento histórico ocorrido na UNICAMP de 22 a 24 de fevereiro de 2024, Psiquiatria e Psicanálise, representadas por alguns de seus membros mais destacados em termos institucionais, acadêmicos, clínicos e científicos, reuniram-se em um grande encontro internacional. Sob a égide da World Psychiatry Association (WPA), a mais alta instância psiquiátrica em nível mundial, diretamente ligada à OMS, essas duas disciplinas fundamentais para o campo da saúde mental discutiram, depois de décadas de distanciamento, novos fundamentos para suas relações de pesquisa, clínicas, epistemológicas, éticas e de saúde pública.

Para que se tenha uma ideia do impacto desse encontro, o 1st International Meeting of the WPA – Psychoanalysis in Psychiatry Section (WPA – PiP Section) contou com a participação de personalidades como Thomas Schulze, próximo presidente da WPA; Juan Mezzich, também presidente da WPA no período de 2005 a 2008 e líder da Person Centered Psychiatry; do prof. Claudio Eizirik, presidente da International Psychoanalytical Association (IPA) no período de 2005-2009; bem como alguns dos nomes mais representativos da psiquiatria brasileira como Geraldo Busatto Filho, professor titular e diretor do Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da USP; Paulo Dalgalarondo, Claudio Eduardo M. Banzato, Neury José Botega e Roosevelt Cassorla, professores titulares do Departamento de Psiquiatria da UNICAMP; Marco Antônio Brasil, professor do Departamento de Psiquiatria da UFRJ e presidente da Associação



em fevereiro de 2024,
ocorreu na Unicamp um
encontro histórico entre
psiquiatras e psicanalistas

Brasileira de Psiquiatria de 2007 a 2010; Miguel Roberto Jorge, professor do Departamento de Psiquiatria da UNIFESP e presidente da Associação Mundial de Medicina no biênio 2019-2020; dos psiquiatras e psicanalistas Marco Antonio Coutinho Jorge, professor da Pós-graduação em Psicanálise da UERJ, e Benilton Bezerra Jr, professor do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IMS-UERJ).

Trouxeram também suas contribuições nome fundamentais do estudo de políticas públicas no campo da saúde mental do Brasil como Rosana Onocko Campos, professora livre-docente do Departamento de Saúde Coletiva da UNICAMP, e Miriam Debieux Rosa, professora titular no Departamento de Psicologia Clínica da USP; do debate sobre a saúde mental em sujeitos transgêneros, como Patrícia Porchat, professora da UNESP, e Julia Kaddis El Khouri, analista da Associação Junguiana do Brasil (AJB); das questões relacionadas aos efeitos da escravidão e do racismo na cultura e na patologia mental no contexto brasileiro, como a psicanalista Isildinha B. Nogueira (Instituto Sedes Sapientiae de São Paulo) e Deivisson Faustino, pesquisador da UNIFESP; do debate contemporâneo das questões relativas à mulher, como as psicanalistas Paola Mieli, professora da New York School of Visual Arts, Vera Iaconelli, do Instituto Gerar de São Paulo e Denise Maurano, professora titular da UNIRIO, assim como a professora Renata Azevedo, da UNICAMP; da pesquisa do uso de psicodélicos em saúde mental, como Luis Fernando Tofoli, professor do Departamento de Psiquiatria da UNICAMP.

Entre os palestrantes estavam, igualmente, os professores titulares do Instituto de Psicologia da USP Maria Livia Tourinho, Nelson da Silva Jr. e Christian Dunker. Outros nomes internacionais muito relevantes foram Michel Botbol (psiquiatra de crianças, psicanalista, professor titular da Université de Bretagne Occidentale e um dos fundadores da WPA – PiP Section); psicanalistas e professores universitários francófonos importantes, como Jean-Michel Vivès, professor titular da Université Côte d’Azur; Erika Parlato Oliveira (Univ. de Paris Cité); Bernard Golse, professor titular de psiquiatria infantil e de adolescentes na Université Paris Descartes; François Ansermet, professor de psiquiatria da criança e do adolescente nas Universidades de Genève e de Lausanne, e Fabian Guénole, professor titular da Université de Caen. De igual importância, houve as intervenções de pesquisadores e de clínicos especialistas em questões indígenas, como Edinaldo Xukuru, Nita Tuxá, Putira Sacuema e Idjarrury Kaigang Sompre, eles mesmos indígenas. De forma muito especial, a ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, realizou uma brilhante conferência plenária sobre os impactos das alterações climáticas e da devastação das florestas tropicais sobre a saúde mental. Muitos outros psiquiatras, psicanalistas, pesquisadores e professores aportaram também suas importantes contribuições a esse Encontro voltado a reabrir portas de interlocução entre Psicanálise e Psiquiatria.

Hervé Granier, psiquiatra e psicanalista de Montpellier, como co-chair, e eu mesmo, como chair, tivemos a responsabilidade direta da organização desse Meeting em nome da WPA – PiP Section.

O Meeting ocorreu de forma exclusivamente presencial no Centro de Convenções da UNICAMP, o público lotando suas dependências nos três dias do evento, com a presença sobretudo de psiquiatras, psicanalistas, psicólogos, residentes de psiquiatria, estudantes de medicina e todas as demais áreas da saúde mental, chamando a atenção a grande quantidade de participantes jovens.

A Seção de Psicanálise na Psiquiatria da World Psychiatry Association já existe há mais

de vinte anos, mas esta foi a primeira vez que conseguiu realizar um Encontro Internacional contando com a validação da própria WPA. O grande sucesso alcançado por esse evento coloca uma série de questões, que serão o objeto deste artigo: por que somente e exatamente agora foi possível a realização desse *Meeting*, no coração mesmo da associação psiquiátrica mais importante do mundo? Quais foram as bases desse diálogo tornado possível após tantas décadas de silenciamento? Que conclusões podem ser tiradas desse evento e que perspectivas futuras para se dar continuidade a essa aproximação de forma realmente significativa e fecunda?

Novos fundamentos para a relação entre psiquiatria e psicanálise

Esse foi o título e a proposta do 1st International Meeting of the WPA – Psychoanalysis in Psychiatry Section¹: reunir psicanalistas, psiquiatras e todos aqueles preocupados pelo campo da saúde mental para debater quais poderiam ser os novos fundamentos para as relações entre as duas disciplinas, melhor ajustados para os desafios efetivos a que ambas estão confrontadas no contexto teórico-científico, clínico, social e político contemporâneo. No argumento de apresentação do evento, redigido por Hervé Granier e por mim, posteriormente validado pela Seção de Psicanálise na Psiquiatria da WPA, era destacado o fato de que “nas últimas três décadas, enquanto a psiquiatria moderna avançava com insights revolucionários das neurociências, da genética psiquiátrica e das ciências cognitivas, os papéis fundamentais da psicopatologia e da psicanálise diminuíram. Esta evolução eclipsou sutilmente os aspectos profundamente humanos, relacionais e subjetivos inerentes à doença mental” e aos tratamentos que podem ser ofertados aos que padecem do ponto de vista psíquico, encontrando impasses que tornam inviável qualquer forma possível de existir

»
*por que somente e exatamente
agora foi possível a realização
desse Meeting, no coração
mesmo da associação psiquiátrica
mais importante do mundo?*

em conformidade com o próprio desejo singular de maneira responsável e implicada no laço social.

Após haver-se integrado os benefícios clínicos alcançáveis através da psicofarmacologia, os limites dessa abordagem também se tornaram mais evidentes. Ao entusiasmo inicial pelo aplacamento bioquímico dos sintomas e disfunções psicossociais associadas aos transtornos mentais, seguiu-se uma compreensão mais clara da necessidade de proporcionar ao paciente, atingido por sua condição psicopatológica específica, algum tipo de conciliação com a idiosincrasia que constitui cada sujeito como único, a partir de seu próprio e irreduzível desejo singular. Em outras palavras, para além dos eventuais benefícios pragmáticos de alívio dos sintomas, do sofrimento subjetivo, de melhora da funcionalidade social e de diminuição de riscos para si próprio e para os demais, colocava-se a questão da participação do próprio sujeito, com seus determinantes histórico-político-sociais, em seu padecimento. E, sobretudo, como propiciar ao sujeito encontrar algum tipo de nova equação subjetiva, ajustada a si mesmo, permitindo-lhe existir de forma significativa, na qual se reconheça como orientado pelo próprio desejo no campo social e da cultura?

Prossegue o argumento interrogando o impacto da inteligência artificial e dos múltiplos artefatos tecnológicos na assistência aos que padecem em sua vida psíquica:

Em paralelo, hoje, um envolvimento crescente e maciço de novas tecnologias remodela a prática clínica diária em saúde mental, questionando decisivamente a especificidade

1 Cf. <https://www.wpanet.org/psychoanalysis-in-psychiatry>



sublinha-se a necessidade de se compreender e integrar na prática clínica concreta o fato de que a patologia mental é um fenômeno extremamente complexo, não admitindo simplificações etiológicas lineares

humana dessa prática. Com novas tecnologias computacionais e teleconsultas remotas, a virtualização do psiquiatra será o passo final antes de ser substituído por um robô derivado da inteligência artificial, completando sua desincorporação? Se não, como podemos reconhecer, valorizar e aprofundar as dimensões da prática clínica em saúde mental que não são reduzíveis a algoritmos e avatares cada vez mais eficientes produzidos pela IA?

Sublinha-se, correlativamente, a necessidade de se compreender e integrar na prática clínica concreta o fato de que a patologia mental é um fenômeno extremamente complexo, não admitindo simplificações etiológicas lineares. Não se pode deixar de reconhecer que o adoecimento psíquico está profundamente imbricado com a realidade social, com as matrizes histórico-culturais implicadas na constituição dos sujeitos, ao mesmo tempo enquanto singulares e como efeitos dessas mesmas determinações de caráter simbólico e político. O mesmo se aplica às determinações daquilo que, a cada momento histórico, é concebido como patológico, desadaptado, como *disorder*:

De fato, como podemos abordar as mutações e novos impasses da subjetividade – e, conseqüentemente, da prática clínica – em nosso tempo, produzidos por nossas sociedades? Como podemos responder ao sofrimento de nossos contemporâneos, revelado pela explosão de diferentes – e novas – formas de patologias mentais?

É, portanto, urgente restabelecer o diálogo e a colaboração entre essas duas disciplinas cruciais no campo da saúde mental. Este foi o propósito do I^o

Encontro Internacional da Seção de Psicanálise na Psiquiatria da WPA em Campinas.

Para que tal projeto de abertura de vias renovadas de interlocução possa ter alguma chance de sucesso, é indispensável que as próprias bases desse encontro de disciplinas tão heterogêneas se apoiem naquilo que Psiquiatria e Psicanálise reconhecem como problemas comuns a serem compartilhados. Trata-se, portanto, de reconhecer os limites específicos de cada uma dessas abordagens em compreender e responder isoladamente, de forma eficaz e eticamente responsável, ao imenso desafio de se ocupar do sofrimento do outro:

O método preferido escolhido para esse Encontro se inspirará na própria psicanálise. Ele visa dar voz àqueles diretamente afetados pelo sofrimento psíquico e ouvir o que pacientes, profissionais, pesquisadores e a sociedade podem esperar de tal colaboração renovada. Isso nos permitiria redefinir o estado da arte médica em psiquiatria e atualizar as formas como a psicanálise e a psiquiatria podem colaborar para melhor abordar o desconforto, o sofrimento e as patologias mentais de nosso tempo.

Dando a palavra e a escuta aos que sofrem e aos que deles se ocupam

Foi assim que esse primeiro *Meeting* deu voz e escuta não apenas a psiquiatras e psicanalistas, mas também a diferentes profissionais da área de saúde mental. Da mesma forma, puderam se expressar aqueles diretamente implicados em questões cruciais da sociedade contemporânea relacionadas ao sofrimento psíquico: indígenas, afro-brasileiros, as mulheres, sujeitos trans e LGBTQIA+ em geral, profissionais que trabalham com crianças e adolescentes, com políticas públicas no campo da saúde em geral ou especificamente mental etc. O que essas diferentes frentes têm em comum é o fato de constituírem desafios concretos, sejam clínicos, de pesquisa, éticos ou políticos, para todos os que trabalham com o cuidado técnico oferecido ao sofrimento psíquico e à patologia mental. Demonstram amplamente

que, diante desses diferentes tópicos, nenhuma especialidade ou profissão pode pretender deles dar conta sozinha. Evidencia-se não apenas a complexidade do objeto teórico e clínico de que se ocupam, mas também o fato de que são muitos e heterogêneos os níveis de intervenção para que, em conjunto, as ações tomadas possam resultar em efeitos benéficos no tratamento ou na prevenção de condições patológicas no campo psíquico.

Em sua conferência sobre os graves efeitos da crise climática e da destruição das florestas tropicais sobre a saúde mental das populações, a ministra Marina Silva destacou como a psicanálise permite lançar luz sobre a engrenagem autodestrutiva que a voracidade cega do neoliberalismo engendra, com todo seu potencial mortífero sobre o conjunto da humanidade. Esse estado de coisas não é sem relações, afirmava ela, com a emergência social disseminada de angústia, desesperança e desamparo extremados, com todo seu potencial patológico. Essa mesma explicitação das relações profundas entre o neoliberalismo e as condições contemporâneas da psicopatologia no âmbito social foram brilhantemente desenvolvidas nas intervenções de Nelson da Silva Jr. e de Benilton Bezerra Jr.

No tocante ao ponto extremamente sensível das relações entre Psiquiatria e Psicanálise, que diz respeito à capacidade desta última em demonstrar seus efeitos submetendo-se ao crivo da ciência empírico-experimental, sem recorrer a critérios unicamente internos de validação, uma mesa-redonda sobre o tema, com a participação de Fabian Guénole, Paulo Beer e Rodrigo Lage, abordou tanto os estudos de validação empírica dos efeitos terapêuticos dos métodos psicanalíticos, quanto os

»»

*a psicanálise permite
redefinir a psicopatologia
não mais nos termos clássicos de
“estudo das doenças mentais
do ponto de vista de sua
descrição e mecanismos”*

limites desses próprios métodos para dar conta do conjunto de efeitos que as dimensões éticas e clínicas da Psicanálise podem produzir sobre os fenômenos psicopatológicos.

Nesse mesmo sentido, em minha conferência intitulada “A psicopatologia sob a perspectiva do sujeito” tentei mostrar que a contribuição da psicanálise ao campo da patologia mental não se resume ao âmbito exclusivo das chamadas “psicoterapias de orientação psicanalítica” ou mesmo de “psicoterapias psicodinâmicas”. Mais amplamente, a psicanálise permite redefinir a psicopatologia não mais nos termos clássicos de “estudo das doenças mentais do ponto de vista de sua descrição e mecanismos”², mas antes como fenômeno incidindo sempre em um sujeito singular, que emerge enquanto tal no interior do laço social, alienado à linguagem, à tradição simbólica e de sua exposição concreta ao campo do Outro. Desse fato, a psicopatologia seria melhor definida como “a condição de impasse ou de inviabilidade de se buscar realização possível como sujeito singular de desejo de forma responsável e implicada no laço social”. Tal definição permitiria melhor organizar a concertação das diferentes abordagens teóricas e clínicas participando do tratamento de um paciente – ou da constituição de políticas públicas em saúde mental – em torno de um objetivo ao mesmo tempo ético e técnico: o de melhorar a posição do sujeito³. Esse horizonte ético permite definir de forma clara para uma equipe de trabalho a direção do tratamento e os objetivos últimos em relação aos quais cada abordagem é chamada a colaborar no seio de um projeto individual de tratamento⁴.

2 Cf. M.E.C. Pereira, “Projeto de uma (psico)patologia do sujeito (I): Redefinição do conceito de psicopatologia à luz da questão do sujeito”, *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 22, n. 4, p. 828-858. <<http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v22n4/1415-4714-rlpf-22-04-0828.pdf>>.

3 “É certo que nossa justificativa, assim como nosso dever, é melhorar a posição do sujeito...” J. Lacan, Seminário 10, sessão de 12 de dezembro de 1962 (tradução de minha autoria. Agradeço a Jean-Michel Vivès a preciosa indicação dessa passagem).

4 M.E.C. Pereira, “O lugar lógico do sujeito na clínica médico-psiquiátrica”, in C.E.S. Miranda; M.V.C. Sternick, *Saúde mental e psicanálise: conexões discursivas*, p. 21-28.

É também assim que Christian Dunker, em sua participação na mesa-redonda plenária de encerramento do Encontro, apresentou um “Programa para renovar as relações entre Psicanálise e Psiquiatria”, no qual traz uma série de proposições fundamentadas na necessidade de retorno ao “solo epistemológico da psicopatologia crítica” e de se “redefinir os fundamentos para a formação comum de quadros em saúde mental a partir da noção de escuta”.

Conclusão

Aquilo que muitos consideravam impossível – a reabertura de um diálogo fecundo entre Psicanálise e Psiquiatria – mostrou-se realizável, concretizando de maneira efetiva um sólido passo inicial. Alguns elementos que tornaram esse debate possível podem ser aqui elencados: 1) a centralização das discussões em torno de desafios clínicos e políticos contemporâneos concretos comuns aos dois campos; 2) a ameaça representada a todas as disciplinas clínicas pela chegada maciça da inteligência artificial nessa área, obrigando a todos aqueles que se ocupam do sofrimento mental e de suas

patologias a redefinir com precisão as dimensões especificamente humanas tanto da psicopatologia, quanto de seu tratamento; 3) o reconhecimento humilde, de ambas as partes, do caráter incompleto e insuficiente de seus saberes e procedimentos para dar conta da vasta complexidade teórica e clínica da patologia mental; 4) a busca, que acabou por revelar-se não tão difícil, de encontrar parceiros do outro campo realmente dispostos e abertos a um diálogo fecundo; 5) a emergência concreta nos tempos atuais de riscos de destruição em massa da civilização e do ambiente, o que propicia uma atitude de maior abertura a parcerias inusitadas, mas que compartilhem o mesmo mal-estar e a mesma aspiração a responder de forma mais efetiva aos imensos desafios que precisamos agora enfrentar.

Esse diálogo renovado está apenas em seus primeiros passos, ainda incertos e vacilantes e sem futuro garantido. Do lado da Psicanálise coloca-se o desafio da abertura sincera e franca a essa exposição ao “Outro” da Psiquiatria, não apenas da clássica e por vezes soberba posição da “contribuição” que a disciplina criada por Freud pode aportar aos psiquiatras, mas também de que forma ela pode se deixar realmente interpelar pelo campo desses “próximos”, inquietantemente familiares.

Referências bibliográficas

- Lacan J. (2005). *Seminário X: A angústia* (1962-63). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Pereira M.E.C. (2019). Projeto de uma (psico)patologia do sujeito (I): Redefinição do conceito de psicopatologia à luz da questão do sujeito, *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 22, n. 4, p. 828-858.
- _____. (2021). O lugar lógico do sujeito na clínica médico-psiquiátrica. In Miranda C.E.S.; Sternick M.V.C., *Saúde mental e psicanálise: Conexões discursivas*. Curitiba: Juruá. p. 21-28.

Psychoanalysis and Psychiatry: the necessary dialogue is possible

Abstract Building on the 1st International Meeting of the WPA – Psychoanalysis in Psychiatry Section (WPA – PiP Section) held at UNICAMP in February 2024, a historic event that brought together psychiatrists and psychoanalysts for the first time under the aegis of the WPA to discuss new foundations for the relationship between the two disciplines, this article proposes several theses for the theoretical, clinical, and ethical advancement of this dialogue.

Keywords Psychoanalysis; Psychiatry; Psychopathology; WPA.

Texto recebido: 05/2024.

Aprovado: 06/2024